

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens molisum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO:

ENCYCLICA DO NOSSO SANTO PADRE LEÃO XIII A CERCA DA MAÇONARIA (conclusão).—ORDENS RELIGIOSAS, por A. Moreira Bello.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Waldstatt, ou Nossa Senhora dos Eremitas*, pelo Vigario Manoel F. dos Santos Peixoto. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *O Probabilismo, V*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *As conferencias quaresmaes na St do Porto em 1884*, por Monsenhor Rodrigues Vianna (continuação).—SECÇÃO HISTORICA: *Outro manuscrito—O scisma da Igreja de Braga*, (conclusão) pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Finanças*, por Dom Antonio de Almeida.—SECÇÃO ILLUSTRADA: I—*D. Gualdim Paes*; II—*A cathedral de Anvers*, por R.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

A VOZ DA EGREJA

CARTA ENCYCLICA

DE

SUA SANTIDADE DE LEÃO XIII

PAPA PELA GRAÇA DE DEUS

(Conclusão)

E TAMBEM, se se considerar que todos os homens são da mesma raça e da mesma natureza e que todos devem attingir o mesmo fim verdadeiro, e se se olhar para os deveres e para os direitos que derivam d'esta communidade d'origem e de destino, não é duvidoso que todos são eguaes. Mas, como não tem todos os mesmos recursos de intelligencia, e diferem uns dos outros, ou pelas faculdades do espirito, ou pelas energias physicas; como, enfim, existem entre elles mil distincções de costumes, de gostos, de caracteres, nada repugna tanto á razão como pretender tornal-os todos da mesma medida, e introduzir nas instituições da vida civil uma egualdade rigorosa e mathematica. Com effeito, do mesmo modo que a perfeita constituição do corpo humano resulta da união e conformidade de membros que nem tem as mesmas formas, nem as mesmas funções, mas cuja feliz associação e curso harmonioso dão a todo o organismo a sua belleza plastica, a sua força e a sua aptidão para prestar os serviços necessarios, assim tambem, no seio da sociedade humana, acha-se uma variedade quasi infinita de partes dissimilhanes. Se ellas fossem todas eguaes entre si e livres, cada uma por sua

conta, nada haveria mais disforme do que uma tal sociedade. Se, pelo contrario, por uma sabia gerarchia de mercimentos, de gostos, de aptidões, cada uma d'ellas concorre para o bem geral, védes então erguer-se deante de vós a imagem d'uma sociedade bem ordenada e conforme á natureza.

Os prejudiciaes erros que acabamos

conta, tal é, com certeza, o fim claro, explicito, para o qual trabalham com os seus esforços muitas associações communitas e socialistas; e a seita dos Franc-Maçães não tem o direito de se declarar estranha aos seus attentados, pois que favorece os seus designios e, no terreno dos principios, está plenamente de accordo com ellas. Se estes principios não produzem immediatamente e por toda a parte as suas consequências extremas, não é nem á disciplina da seita, nem á vontade dos sectarios que se deve attribui-lo, mas em primeiro logar á virtude d'esta divina Religião que não pôde ser aniquilada; e depois tambem á acção de homens que, formando a parte mais sã das nações, recusam-se a supportar o jugo das sociedades secretas e luctam com coragem contra as suas emprezas insensatas.

El prouvera a Deus que todos, julgando a arvore pelos fructos, soubessem reconhecer o germen e o principio dos males que nos affligem, dos perigos que nos ameaçam. Temos que luctar contra um inimigo manhoso e fecundo em artificios. Elle é eminente em deleitar agradavelmente os ouvidos dos principes e dos povos, e soube attrahir uns e outros



D. GUALDIM PAES

de enunciar ameaçam os Estados com os mais temiveis perigos. E na verdade, supprimi o temor de Deus e o respeito devido ás suas leis; deixae cahir o credito sobre a auctoridade dos principes; dae livre curso e animação á mania das revoluções; soltae as redeas ás paixões populares; quebrae todo o freio, excepto o dos castigos, chegareis pela força das circumstancias ao transtorno universal e á ruina de todas as institui-

com a doçura, das suas maximas e com o chamariz das suas adulações.—Que succede com os principes? Os Franc-Maçães insinuaram-se no seu favor com a mascara da amizade, para fazerem d'elles aliados e poderosos auxiliares com cujo apoio opprimiriam mais seguramente os catholicos. Alm de aguilhoarem mais efficaçmente o zelo d'estes elevados personagens, perseguiram a Igreja com impudentes calumnias. Assim foi que a ac-

cusaram de ser invejosa do poder dos soberanos e contestar-lhes os seus direitos. Certos por esta politica da impunidade da sua audacia, começaram a gosar d'um grande credito nos governos. Alem d'isto conservam-se sempre promptos a arrasar os alicerces dos imperios, a perseguir, a denunciar, e até a expulsar os principes todas as vezes que elles pareçam usar do poder de fôrma differente do que a seita o exige.—Que succede com os povos? Os Franc-Mações zombam d'elles lisongeando-os com processos similliantes. Tem sempre na bocca as palavras «liberdade» e «prosperidade publica.» A dar-se-lhes credito, é a Igreja, são os soberanos que sempre puzeram obstaculos a que as massas populares fossem arrancadas a uma escravidão injusta e livres da miseria. Seduziram o povo com esta linguagem fallaz, e, excitando n'elle a sede das mudanças, incitaram-no ao assalto dos dois poderes, ecclesiastico e civil. Contudo, a realidade das vantagens que se espera, fica sempre abaixo da imaginação e dos seus desejos. Bem longe de se ter tornado mais feliz, o povo acabrunhado por uma oppressão e por uma miseria crescentes, vê-se tambem despojado das consolações que poderia encontrar com tanta facilidade e abundancia nas crenças e nas praticas da religião christã. Quando os homens se encarniçam contra a ordem providencialmente estabelecida, por uma justa punição do seu orgulho acham muitas vezes a afflicção e a ruina em vez da fortuna prospera com a qual temerariamente haviam contado para a satisfação plena de todos os seus desejos.

Emquanto à Igreja, se, acima de todas as coisas, ella ordena aos homens que obedeçam a Deus, Soberano Senhor do universo, seria fazer-se um juizo calumnioso se se julgasse que ella tem inveja do poder civil ou que sonha em ser superior aos direitos dos principes. Longe d'isso, ella põe sob a sanção do dever e da consciencia a obrigação de se dar ao poder civil o que legitimamente lhe fôr devido. Se ella faz derivar do proprio Deus o direito de governar, d'ahi resulta para a auctoridade civil um augmento consideravel de dignidade e uma maior facilidade de conciliar-se a obediencia, o respeito e a boa vontade dos cidadãos. Além d'isto, sempre amiga da paz, é ella quem nutre a concórdia, abraçando todos os homens na ternura da sua caridade maternal. Diligente unicamente em procurar o bem dos mortaes, não se cança de lembrar que se deve temperar a justiça com a clemencia; o commando com a equidade, as leis com a moderação; que o direito de cada um é inviolavel; que é um dever trabalhar pela conservação da ordem e da tranquillidade geral, e acudir quanto fôr possível, com a caridade particular

e publica, aos soffrimentos dos desgraçados. Mas, para empregar as palavras de Santo Agostinho, *elles creem ou tratam de fazer acreditar que a doutrina christã é incompativel com o bem do Estado, porque querem fundar o Estado, não sobre a solidez das virtudes, mas sobre a impunidade dos vicios* (1).—Se tudo isto fosse melhor conhecido, principes e povos dariam prova de sabedoria politica e obrariam conformemente ás exigencias da salvação geral se, em lugar de se unirem aos Franc-Mações para combater a Igreja, elles se unissem à Igreja para resistir aos ataques dos Franc-Mações.

Aconteça o que acontecer, o Nosso dever é applicar. Nos, Veneraveis Irmãos, a procurar remedios proporcionados a um mal tão intenso e cujos estragos estão por demais espalhados. Nós bem o sabemos: a Nossa melhor e mais solida esperança de cura está na virtude d'esta religião divina que os Franc-Mações odeiam tanto mais quanto d'ella se arreceiam cada vez mais. Importa, pois, muitissimo fazer d'ella o ponto central da resistencia contra o inimigo commum. Por isso todos os decretos proferidos pelos Pontifices Romanos, Nossos Predecessores, com o fim de paralisar os esforços e as tentativas da seita maçónica; todas as sentenças por elles pronunciadas para afastar os homens de se filiarem n'esta seita ou para determinarem a sahirem d'ella, Nós os ratificamos de novo, tanto em geral como em particular, e os confirmamos com a Nossa auctoridade apostolica. Cheio de confiança a este respeito na boa vontade dos christãos, Nós lhes supplicamos, em nome da sua salvação eterna, e lhes pedimos que se imponham como uma obrigação sagrada nunca se afastarem, nem uma só linha, das prescripções promulgadas a este respeito pela Sede Apostolica.

Quanto a vós, Veneraveis Irmãos, Nós vos rogamos, vos conjuramos que unaes os vossos esforços aos Nossos, e empregueis todo o vosso zelo em fazer desaparecer o impuro contagio do veneno que circula nas veias da sociedade e a infecta completamente. Incumbe-vos procurar a gloria de Deus e a salvação do proximo. Combatendo por tão grandes causas, não vos faltarão nem a coragem, nem a força. Pertence-vos determinar, na vossa sabedoria, porque meios mais efficazes podereis vencer as difficuldades e os obstaculos que contra vós se levantarem.—Mas uma vez que a auctoridade inherente ao Nosso Cargo Nos impõe o dever de vos traçar a regra de proceder que julgamos a melhor, Nós vos diremos:

Em primeiro lugar, arrancae à Franc-

(1) Epist. 137, al. 3 ad Volusian, capit. 5, n. 20.

Maçonaria a mascara com que ella se cobre, e fazei-a ver tal qual ella é.

Em segundo lugar, pelos vossos discursos e por Cartas pastoraes especialmente consagradas a esta questão, instrui os vossos povos; fazei-lhes conhecer os artificios empregados por estas seitas para seduzir os homens e atrahil-os ás suas fileiras, a preversidade das suas doutrinas, a infamia dos seus actos. Lembrai-lhes que em virtude das sentenças varias vezes proferidas pelos Nossos Predecessores, nenhum catholico, se quizer conservar-se digno d'este nome e ter pela sua salvação o cuidado que merece, não pode, seja debaixo de que pretexto fôr, filiar-se na seita dos Franc-Mações. Ninguém pois, se deixe enganar pelas falsas apparencias de honestidade. Algumas pessoas podem effectivamente julgar que nos projectos dos Franc-Mações não ha nada formalmente contrario á santidade da religião e dos costumes. Contudo, como o fim e a natureza da seita são essencialmente maus, não pode ser permittido a ninguem juntar-se a ella, nem auxiliar-a de maneira alguma.

E' necessario depois, com o auxilio de frequentes instrucções, e exhortações, fazer com que as massas populares adquiram o conhecimento da religião. Com este fim, Nós vos aconselhamos instantemente que exponhaes, quer por escripto, quer de viva voz e em discursos *ad hoc*, os elementos dos principios sagrados que constituem a philosophia christã. Esta ultima recommendação tem principalmente por fim curar por meio d'uma sciencia de bom quilate as enfermidades intellectuaes dos homens, e premonil-os ao mesmo tempo contra as fortunas multiplas do erro e contra as numerosas seducções do vicio, principalmente n'um tempo em que a licenciosidade dos escriptos caminha a par d'uma insaciavel avidez de saber. A obra é immensa; para cumpril-a tereis primeiro que tudo o auxilio e a collaboração do vosso clero, se tiverdes empregado todos os vossos cuidados em formal-o bem o conserval-o na perfeição da disciplina ecclesiastica e no conhecimento da sciencia.

Contudo, uma causa tão bella e d'uma tão elevada importancia chama tambem em seu socorro a dedicacão intelligente dos leigos que unem os bons costumes e a instrucção ao amor da Religião e da patria. Ponde em commun, Veneraveis Irmãos, as forças d'estas duas ordens, e empregae todos os vossos cuidados em fazer com que os homens conheçam a fundo a Igreja catholica e a amem de todo o seu coração. Porque quanto mais este conhecimento e este amor augmentarem nas almas, mais se aborrecherà as sociedades secretas, mais diligente se será em fugir-lhes.

Nós aproveitamos de proposito da

nova occasião que se Nos offerece para de se alistarem nas más. Por conse-tes perniciosas seriam completamente
 insistir na recommendação já feita por quencia, para a salvação do povo, Nós innuteis se, do alto do céu, o Senhor da
 Nós a favor da Ordem Terceira de S. desejamos ardentemente ver restabele- vinha não secundasse os nossos exforços.
 Francisco, a cuja disciplina recentemente cer-se sob os auspícios e patrocínio dos E' pois necessario implorar a sua assis-
 fizemos algumas prudentes moderações. Bispos, essas corporações apropriadas ás tencia e o seu soccorro com um grande
 Deve-se empregar um grande zelo em necessidades do tempo presente. E' para fervor e por meio de repetidas suppli-
 propagal-a e solidificá-a. Com effeito, tal Nós não pequena alegria termos já visto cas, proporcionadas á necessidade das
 como fôra estabelecida pelo seu auctor, constituirem-se em varios logares asso- circumstancias e á intensidade do perigo.
 consiste inteiramente n'isto: atrahir os ciações d'este genero, bem como asso- Altiva pelos seus precedentes resultados,
 homens ao amor de Jesus Christo, ao ciações de protectores, pois que o fim de a seita dos Franc-Mações ergue insolentamente a cabeça e parece que a sua
 amor da Igreja, á pratica das virtudes umas e d'outras é acudir á honrada classe dos proletarios, assegurar ás suas audacia já não conhece limites. Ligados
 christãs. Ella pode, pois, prestar gran- familias e aos seus filhos o beneficio de uns aos outros pelo laço d'uma crimi-
 des serviços para ajudar a vencer o contágio d'essas seitas detestaveis. Oxalá um patrocínio tutelar, fornecer-lhes os nosa federação e pelos seus projectos
 que esta santa associação faça pois to- meios de conservar com os bons costu- occultos, os seus adeptos prestam-se um
 dos os dias novos progressos. Entre as- mes o conhecimento da religião e o mutuo appoio e excitam-se uns aos ou-
 numerosas vantagens que d'ella se po- amor da piedade.—Não podemos aqui, tros a emprehender e praticar o mal. A
 dem esperar, ha uma que supera todas deixar em silencio uma associação que um tão violento ataque deve corresponder
 as outras: esta associação é uma verda- tem dado tantos exemplos admiraveis, uma defeza de igual energia. Unam-se
 deira escola de Liberdade, de Fraterni- e que tanto tem conquistado a beneme- portanto tambem as pessoas honradas,
 dade, de Egualldade, não do modo absur- rancia das classes populares: Nós refe- e formem uma immensa liga de orações
 do como os Franc-Mações entendem es- rimo-Nos á que tomou o nome de seu- e de exforços. Pedimos-lhes portanto que
 tas coisas, mas tres como Jesus Christo pae, S. Vicente de Paulo. São sufficien- façam entre si, pela concordia dos espi-
 quiz com ellas enriquecer o genero hu- temente conhecidas as obras praticadas ritos e dos corações, uma cohesão que
 mano e S. Francisco as pôz em pratica. por esta Sociedade e o fim que se pro- os torne invenciveis contra os assaltos
 Fallamos, portanto, aqui da liberdade põe. Os exforços dos seus membros ten- dos sectarios. Alem d'isto, estendam para
 dos filhos de Deus, em nome da qual dem unicamente a encarregarem-se, por Deus as mãos supplicantes, e pelos seus
 nos recusamos a obedecer a esses amos uma caritativa iniciativa, do soccorro gemidos perseverantes esforcem-se por
 iníquos que se chamam Satanaz e as aos pobres e aos desgraçados, o que fa- obter a prosperidade e os progressos do
 más paixões. Fallamos da fraternidade zem com uma maravilhosa sagacidade: christianismo, o pacifico goso para a
 que nos prende a Deus, commum crea- e uma não menos admiravel modestia. Igreja da liberdade necessaria, o re-
 dor e pae de todos os homens. Fallamos Mas quanto mais esta associação occulta gresso dos transviados ao bem, o trium-
 da egualdade que, baseada nos funda- o bem que faz, mais apta se torna para pho da verdade contra o erro, da vir-
 mentos da justiça e da caridade, não praticar a caridade christã e alliviar as tude contra o vicio.
 pensa em supprimir todas as distincões miserias dos homens. Peçamos á Virgem Maria, Mãe de
 entre os homens, mas exforça-se por Em quarto logar, affm d'attingir mais Deus, que seja a nossa auxiliadora e a
 a fazer da variedade das condições e dos facilmente o fim dos Nossos desejos, re- nossa medianeira. Victoriosa contra Sa-
 deveres da vida uma harmonia admira- commendamos com nova instancia á tanaz desde o primeiro instante da sua
 vel e uma especie de concerto maravi- vossa fé e á vossa vigilancia a mocida- Conceição, desenvolva Ella o seu poder
 lhoso, com os quaes aproveitam natu- de, que é a esperança da sociedade.— contra as seitas reprovadas, que fazem
 ralmente os interesses e a dignidade da Applicae na formação d'ella a maior parte tão evidentemente reviver entre nós o
 vida civil. das vossas sollicitudes pastoraes. Sejam espirito de revolta, a incorrigivel perfli-
 Em terceiro logar, uma instituição quaes tenham já sido a este respeito o dia e as artimanhas do demonio.—Cha-
 devida á sabedoria dos nossos paes e vosso zelo e a vossa previdencia, crêde memos em nosso auxilio o principe das
 momentaneamente interrompida pelo que nunca fareis quanto é sufficiente milicias celestes, S. Miguel, que preci-
 decurso do tempo, poderia, na epoca para subtrahir a mocidade ás escolas e pitou nos infernos os anjos revoltados;
 em que estamos, tornar a ser o typo e aos mestres junto dos quaes ella estaria depois a S. José o Esposo da Santissima
 a forma de creações analogas. Queremos exposta a respirar o halito envenenado Virgem, o celeste e tutelar padroeiro
 fallar d'essas corporações d'artistas des- das seitas. Entre as prescripções da dou- da Igreja Catholica, e os grandes Apos-
 tinadas a proteger, sob a tutella da re- trina christã, ha uma sobre a qual de- tolos S. Pedro e S. Paulo, esses infati-
 ligião, os interesses do trabalho e os verão insistir os paes, os directores es- gáveis semeadores e esses campeões in-
 costumes dos trabalhadores. A pedra pirituaes, os parochos, recebendo o im- venciveis da fé catholica. Graças á sua
 de toque d'uma longa experiencia tinha pulso dos seus Bispos. Queremos fallar protecção e á perseverança de todos os
 feito apreciar aos nossos antepassados a da necessidade de acautellar os filhos fieis na oração. Nós temos a confiança
 utilidade d'estas associações; o nosso ou os discipulos contra essas sociedades de que Deus se dignará enviar um soc-
 seculo tiraria talvez ainda maiores fru- criminosas, ensinando-lhes desde o prin- corro opportuno e misericordioso ao ge-
 ctos, tão preciosos recursos ellas offere- cipio a desconfiarem dos artificios perfli- nero humano, victima d'um tamanho
 cem para combater com exito e para dos e variados com auxilio dos quaes os perigo.
 esmagar o poder das seitas. Os que so- seus proselytos procuram agarrar os Como penhor dos dons celestes e em
 escapam á miseria á custa do labor das homens. Os que tiverem a seu cargo testemunho da Nossa benevolencia. Nós
 suas mãos, ao mesmo tempo que, pela preparar os meninos para receber os vos enviamos affectuosamente no Senhor
 sua condição, são soberanamente dignos Sacramentos como deve ser, obrarão sa- a Benção Apostolica, a Vós, Veneraveis
 do caridoso soccorro dos seus similhan- biamente induzindo cada um d'elles a irmãos, ao clero e aos povos confiados
 tes, são tambem os mais expostos a se- nunca se agregar a nenhuma sociedade á vossa sollicitude.
 rem enganados pelas seducções e arti- ás occultas de seus paes, ou sem terem Dada em Roma, junto de S. Pedro,
 fícios dos apostolos da mentira. Deve-se, consultado o seu parochou ou o confessor, aos 20 de abril de 1884, selimo anno
 pois, ir em seu auxilio com uma gran- De resto, Nós sabemos muito bem que: do Nosso Pontificado.
 dissima bondade, e abrir-lhes as fleiras os nossos communs trabalhos para ar-
 d'associações honestas, para impedil-os rancar do campo do Senhor essas semen-

GUIMARÃES 15 DE JULHO DE 1884

ORDENS RELIGIOSAS

QUASI no fim da ultima legislatura, foi apresentada na camara dos deputados uma representação, firmada por dezeseite mil e tantos nomes, pedindo o restabelecimento das ordens religiosas em Portugal.

Usaram os signatarios d'um direito que lhes conferia a carta constitucional, o direito de petição, e por conseguinte estavam plenamente na esphera da legalidade.

Como christãos e portuguezes, pediam o restabelecimento d'uns institutos em que se praticam os conselhos evangelicos, pediam o termo d'uma prohibição attentatoria á liberdade, pediam a readmissão d'essas congregações admiraveis, que prestam immensos serviços á igreja e á patria, ás lettras e á civilização.

Cincoenta annos depois da sua extincção, parece que deviam ter-se dissipado ou mitigado os odios dos seus destruidores, que deviam ter-se reconciliado os gravissimos inconvenientes resultantes d'aquelle acto impolitico e anti-social.

Pois não acontece assim. O protestantismo e o philosophismo aconselharam, promoveram ou executaram a ruina dos conventos, impellidos pelo fanatismo anticatholico e pela cobiça dos bens ou riquezas exageradas dos frades. A maçonaria e o liberalismo, successores e herdeiros d'aquellas duas perniciosas seitas, continuam-lhes as tradições odientas e as doutrinas oppressoras.

Frederico II, o amigo de Voltaire, o rei philosopho e protestante, escrevia um dia ao seu bom amigo o *patriarcha de Ferney*:

«Tenho notado, e outros commigo, que os sitios onde ha mais conventos e mais frades, são aquellos onde o povo está mais cegamente entregue á superstição. Não ha duvida que, se se conseguirem a destruição d'esses asylos do fanatismo, o povo se tornará dentro em pouco indifferente e tibio para com esses objectos que são actualmente os da sua veneração. Tracta-se pois de destruir os claustros, ao menos de começar a diminuir-lhes o numero. E' chegada a occasião, porque o governo francez e o de Austria estão individuos, e tem exaurido os recursos da industria para pagar as suas dividas sem o conseguirem.

«O engodo das ricas abbas e dos conventos de boas rendas é seductor. Fazendo-lhes ver o mal que os cenobitas fazem á população dos seus estados, assim como o abuso do grande numero de *cucullati* que enchem as suas provincias, ao mesmo tempo que a facilidade de pagarem em parte as suas dividas, applicando a ellas os thesoiros das comunidades que não tem successores,

creio que se determinariam a começar a reforma; e é de presumir que, depois de terem disfructado a secularização de alguns beneficios, a sua avidéz absorverá necessariamente o resto. Todo o governo que se determinar a esta operação, será amigo dos philosophos e partidario de todos os livros que atacem as superstições populares e o falso zelo dos hypocritas que se quizessem oppor a ella.

«Eis ahí um projectosinho que submetto ao exame do patriarcha de Ferney. A elle compete, como ao pae dos fieis, rectificar-o e executar-o. O patriarcha talvez me pergunte o que se fará dos bispos? Respondo-lhe que não é ainda occasião de se lhes tocar, que é preciso começar por destruir os que abraçam de fanatismo o coração do povo. Logo que o povo houver esfriado, os bispos se volverão uns simples creados de que os soberanos disporão no correr dos tempos como lhes aprouver.»

Este infernal *projectosinho*, que Frederico II submettia ao exame do *patriarcha de Ferney*, do *pae dos fieis* da sua igreja, e que não era mais que o que tinha posto em pratica o protestantismo na Allemanha, na Inglaterra e n'outros paizes do norte; este diabolico *projectosinho* não é o que executou e realizou a revolução franceza? não é o que foi executado e realzado, no correr dos tempos, pela revolução em Portugal, em Hespanha, em Italia, em toda a parte onde chegou a dominar a maçonaria e o liberalismo?

Os filhos até aprenderam bem a linguagem dos paes: *superstição, fanatismo, hypocrisia*, são termos com que ainda hoje designam o puro catholicismo, ajuntando-lhes, para variar, os de *jesuitismo e reacção*.

A ideia revolucionaria e anti-catholica, pois, é sempre a mesma; e assim é que a legalissima representação dos dezeseite mil e tantos cidadãos portuguezes foi recebida, pela quasi totalidade da imprensa liberal, com chascos e insultos, e levantou gritos de raiva nas associações liberaes do Porto e de Coimbra, protestando ambas contra aquella insolita e audaz pertença, exigindo a rigorosa applicação das *leis draconianas* do marquez de Pombal, e de Joaquim Antonio d'Aguiar, e fazendo outras insensatas manifestações anti-reaccionarias.

E a tal extremo sobe em peitos liberaes a sanha anti-religiosa, a tal ponto que a paixão sectaria lhes apaga no coração o sentimento religioso a par do amor patrio, que um membro d'uma d'aquellas associações, tristemente celebre pelos ataques que opportuna e importunamente dirige á fé de seus paes, chegou a dizer que se o restabelecimento das ordens religiosas era indispensavel para a

salvação das colonias, preferia a perda das colonias ao restabelecimento das ordens religiosas!

Vêem-se nações protestantes, como a Inglaterra e a Hollanda, utilizar e proteger e auxiliar os missionarios catholicos nas suas colonias, cada vez mais prosperas e florescentes. E uma nação catholica, á qual ainda restam vastas e honrosas reliquias d'um immenso e glorioso imperio, deixa-as definharem, embrutecer, e deixal-as á perder acaso em breve, porque o liberalismo não quer ordens religiosas que as podiam reanimar, civilizar e engrandecer!

A representação dos dezeseite mil e tantos catholicos patriotas não mereceu alta consideração da camara transacta, nem provavelmente merecerá a da futura. Era de prever, e de certo já isso esperavam os representantes; quizeram, porem, dar desafogo aos santos desejos do seu coração, e mostrar que ainda ha n'esta terra, tão trabalhada e pervertida pela irreligião, quem comprehendendo o Evangelho e interprete a ideia da verdadeira liberdade e das conveniencias reaes do paiz.

E' de notar um facto, que faz perfeito contraste com o de que nos temos occupado: quando na camara se tractou da proposta de reforma da constituição, foi n'ella apresentada uma representação pedindo a derogação do artigo 6.º, assignada por alguns centos de protestantes, isto é, por alguns padres apostatas e por um punhado de miseraveis seduzidos ou comprados com o dinheiro da sociedade biblica estrangeira.

A imprensa liberal fallou d'essa representação com pronunciada complacencia ou com manifesto applauso, e transcreveu-a quasi geralmente.

Em vista d'isto, estranharão, censurarão que se diga que a liberdade que o liberalismo quer é a liberdade do mal, rejeitando a liberdade do bem nas suas mais santas e puras manifestações?

As doutrinas do liberalismo acerca das comunidades religiosas são condemnadas pelo *syllabus*, que diz assim:

«LII. O governo pôde, por seu proprio direito, mudar a idade prescripta para a profissão religiosa, tanto das mulheres como dos homens, e ordenar ás comunidades religiosas que não admittam ninguem aos votos solemnes sem sua auctorisação.

«LIII. Devem-se abrogar as leis que protegem a existencia das familias religiosas, os seus direitos e funcções; ainda mais, o poder civil pôde dar o seu apoio a todos os que queiram deixar o estado religioso que tinham abraçado, e infringir os seus votos solemnes; pôde tambem supprimir completamente essas comunidades religiosas, bem como as igrejas collegiaes e os beneficios simples, ainda de direito e padroado, e attribuir

e submeter os seus bens e rendimentos à administração e vontade da auctoridade civil.»

Quem, pois, seguir taes doutrinas, em balde se dirá catholico. Quem professar as oppostas, esse sim que está com a Igreja.

A. MOREIRA BELLO.

Secção Religiosa

WALDSTATT

ou

NOSSA SENHORA DOS EREMITAS

(Continuado de pag. 150)

ALGUNS minutos depois, montava a cavallo, e contornando a charneca que cercava o castello, garganteando um bacchico dithyrambo, descia a meio trote a esplanada, e entrava na estrada.

A hora ia adiantada, o silencio era profundo, e a solidão absoluta; a lua cheia e solitaria fulgia a espaços por entre grossas e caliginosas nuvens, sob um ceu ermo d'estrellas, e atravez de longinqua trovoadas que esfusiava no meio de raros relampagos que listravam o horizonte.

O joven gentil-homem, fosse lá pelo que fosse, já não cantava, mas praguejava sempre.

Chegou allim ao perigoso sitio, que lhe assignalara o seu parente, o qual communmente se conhecia na Helvecia pelo nome de—*Caminho do diabo*.

Era um destiladeiro profundo, cavado entre os lados avermelhados de dois montes, semeado de harrancos, lugar sinistro, por junto do qual, o proprio cabreiro dos Alpes apenas se atreveria a passar em pleno dia.

A hora tao morta e avançada, que o silencio e as trevas mais temerosas ainda tornavam pelas superstições proprias d'aquelles tempos e lugares, o mancebo Suisso, por momentos inquieto, levou maquinalmente a mão à sua espada, mas logo como que envergonhando-se de si proprio, e rindo-se do seu temor:

«—Solemnemente conjurei a Lucifer, para me servir de guia e porta-facho, disse o impio, que pretendia satisfazer assim o seu orgulho com uma bravata, porem o maldito está surdo... o marow faz ouvidos de mercador... ou então o inferno está vasio!»

Palavras não eram ditas, ribombou ao longe o trovão, e um longo relampago illuminando os bosques e as montanhas, deixou-lhe vêr dois hidiondos anões aos lados da cabeça do seu cavallo.

«—Ah! exclamou o official que se sentiu empallidecer;—depois reassumindo toda a sua insolencia:

«—Passa fóra, canalha do inferno,

p'ra traz já! gritou, agitando altivamente a sua espada,—dois miseraveis (*bergmaennlein*) anões! isso é bom e proprio, mas é só para um vaqueiro dos Alpes!»

Os *bergmaennlein* desapareceram, e o galope de dois corceis que desciam com a velocidade do vento o declivio quasi vertical da montanha, fez vivamente voltar a cabeça a Bertholdo.

Eram dois cavalleiros cobertos de armas negras, e montados em cavallos da mesma cor. Os olhos brilhavão-lhes como lampadas ardentes atravez das suas viseiras cahidas: tinham preso ao braço por uma cadeia d'aço brunido o *morgens-tern* da antiga Allemanha, especie de maça de combate, guarnecida de longas pontas de ferro, que pareciam ainda tintas de sangue humano; fogos-fatuos, em forma de penacho fulguravam por sobre os seus elmos.

Os sombrios cavalleiros silenciosamente se collocaram ao lado do pallido official, arrancaram-lhe com violencia as reideas das tremulas mãos, e a todo o galope fizeram partir os trez cavallos com a velocidade do vento. Os montes desapareceram então uns após outros; igneas faiscas rebentavam dos volantes seixos dos caminhos, a distancia mal era apercebida, que para logo era transposta.

Bem depressa salvaram as frageis pontas dos flexiveis ramos por sob os quaes bramem as cataractas, e onde o ousado caçador da cabra-montez mal se atreve a pôr os pés.

Attingiram assim a região das neves eternas, e os corceis redobrando de furia, espumosos e anhelantes se dirigiram para um baralho ou abysmo medonho, no fundo do qual corria n'uma profundidade vertiginosa, uma torrente cujo ruido era apenas perceptivel.

De subito, do meio d'aquellas aguas tenebrosas, que a intervallos coravam fogos subterraneos, uma multidão de vozes cavernosas e horripilantes se fizeram ouvir:

«—Vingança! vingança! —clamavam ellas;—trazei-nos o seductor! entregae-nos o falso amigo, o ducilista!»

«—Nós o trazemos,»—responderam os cavalleiros, brandindo as suas pezas das clavas de combate;—«nós vol-o viemos entregar!»

Um frio suor se deslizava pela fronte de Bertholdo; os seus cabellos se irriçavam de pavor; suas feições se desfiguravam pelas tremuras do horror:—porque em o numero d'aquellas vozes accusadoras haviam accentsos que lhe não eram estranhos, vozes que lhe iam direitas aos seios d'alma... eram os remorsos que já começavam a fazer-se sentir, tão distinctos como o proprio medo e terror.

«—Venha o jogador effrene! a nós, o maldizente, o blasphemador, e o pre-juizo!—exclamavam as vozes do abysmo.

Os sombrios guias de Bertholdo, nos concavos dos seus capacetes zombeteando e rindo com um rir metallico, horrivel de se ouvir, respondiam às vozes subterraneas:—

«—Nós vol-o trazemos! nos vol-o trazemos!

«—A nós o descrente! o impio!

«—Eil-o aqui!»—ulularam os negros cavalleiros.

Bertholdo estava quasi a desmaiar; a vista empanava-se-lhe; os sentidos abandonavam-n'o, fugiam-lhe.

(Continúa.)

O Vigario

MANUEL F. DOS SANTOS PEIXOTO.

Secção Scientifica

PROBABILISMO

V

SOBRE a tão difficil e tão debatida questão do *probabilismo* citamos a recente obra do P. Marie-Ambrosio Potton, da Ordem dos Prégadores, intitulada—*De theoria probabilittatis*. O sabio e erudito auctor d'esta obra tomou um meio termo entre os dous systemas, communmente seguidos pelos moralistas.

Se bem ou mal desempenhou a sua tarefa, não o diremos; em todo o caso, merece ser lido e estudado attentamente.

E' innegavel que o P. Ambrosio Potton propende bastante para o systema anti-probabilistico, ainda que um pouco modificado.

Mas tambem não podemos deixar de recommendar a leitura d'uma obra notavel que em apoio do *probabilismo* se publicou ha mais d'um seculo, e que fez grande sensação nas escholas catholicas.

Tem por titulo esta obra. *Probabilismus methodo mathematica demonstratus*. E' seu auctor o P. Frei Jeremias de Patavio, franciscano, que tomou o pseudonymo de Padre Pithanophilo. Saiu em Lyon, no anno de 1747, quando esta questão calorosamente era disputada entre os moralistas.

N'este livro ingenhoso, escripto em bella linguagem, mostra o seu auctor mathematicamente a *verdade* do systema probabilistico.

Nenhum anti-probabilista se deu ao trabalho de refutar a argumentação do P. Jeremias de Patavio; nem isto ousou o mesmo Daniel Concina, se bem que acerrimo adversario do *probabilismo*.

Apenas no seu *Apparato a theologia christã* zombou da referida obra, e com especialidade da seguinte proposição do Padre Pithanophilo: *Os thomistas são obri-gados, debaixo de peccado mortal, a*

abraçar, a defender e a ensinar o probabilismo.

O P. Jeremias demonstra extensamente esta proposição por um methodo mathematico. Mas eis que o P. Concina principia, segundo o seu costume, a declamar contra esta these, que trata de delirio e paradoxo.

Diz o famoso anti-probabilista que similliantemente absurdo antes se deve refutar com assobios do que com argumentos; porquanto todos os probabilistas, que não carecem de senso e de juizo, affirmam que é mais perfeito e mais seguro abraçar a opinião mais provavel, regeitada a menos provavel. Logo dizer que, debaixo de peccado mortal, se é obrigado a seguir a menos provavel, é um absurdo, um paradoxo incrível.

Mas não tem razão o P. Concina, como imos fazer ver, sem darmos juizo algum sobre um ou outro systema.

Lendo com toda a attenção a obra do P. Jeremias, e considerando o modo como elle demonstra a sua proposição, vê-se que Daniel Concina não o comprehendeu.

O doutissimo franciscano não diz que os thomistas são obrigados, debaixo de peccado mortal, a seguir a opinião menos provavel, o que realmente seria um paradoxo incrível e risivel; antes em outro logar affirmam que ha algumas vezes obrigação de seguir o mais provavel e seguro.

E não ha um só probabilista que não sustente o mesmo.

Elle só diz, no logar citado por Concina, que os thomistas são obrigados, debaixo de peccado mortal, a defender o probabilismo.

E demonstra isto mathematicamente, d'um modo satisfactorio.

O P. Jeremias só falla emquanto aos thomistas, isto é, os que em materia da graça seguem a doutrina do chamado systema thomista, e faz ver que elles, para serem coherentes, devem defender o probabilismo.

Se argumenta bem ou mal, julgue-o quem tiver conhecimento da sua obra, e for competente para a avaliar. E' certo, porem, que elle não sustenta nenhum paradoxo.

Aviso para se não julgar da doutrina d'um auctor por um texto destacado. Deve ler-se tudo o que elle diz, e o modo como trata a questão.

No entanto esta obra, assim como a do P. Ambrosio Potton que mais do que uma vez temos apontado, merecem ser consultadas por todos os que tomarem verdadeiro interesse n'este intrincado ponto da theologia moral.

Indicaremos ainda uma importantissima obra sobre o probabilismo, escripta por um sabio jesuita portuguez, no limbo do seculo passado. Intitula-se *Probabilismus vindicatus*, sendo seu autor o P.

Manuel de Paiva, antigo professor da Universidade de Coimbra. Foi impressa na cidade de Assis, no anno de 1792.

O illustrado jesuita refuta magistralmente os argumentos de Concina, e leva a evidencia o que se passou a respeito de Thyrso Gonzales, geral da Companhia de Jesus, que, como é sabido, se pronunciou pelo systema anti-probabilistico.

A obra do P. Gonzales, bem como a do P. Paiva, dão muita luz sobre a questão de que nos temos occupado como simples chronista.

E porque vem a proposito, vingaremos n'esta parte a illustre Companhia de Jesus contra os seus diffamadores.

Os inimigos d'esta famosa congregação, entre as muitas arguições que lhe fizeram, accusaram os theologos jesuitas de terem adoptado o probabilismo, a que chamam doutrina destructiva da sã moral, fonte de todas as laxidades, systema erroneo, absurdo e contrario ás regras da Igreja e á doutrina dos Santos Padres, e opposto á recta rasão.

Na *origem da moral relaxada*, obra escripta sobre a inspiração do Marquez de Pombal (se não é elle mesmo), se designam não menos de *cincoenta e sete* moralistas da companhia, e affirmam o seu auctor que os jesuitas estabeleceram que fossem constantemente ensinadas as venenosas e pestilentas maximas do probabilismo.

Comumente os inimigos dos jesuitas attribuem esta doutrina á Companhia de Jesus, como propria e privativa d'ella.

Mas esta accusação não tem base.

Os jesuitas só adoptaram o probabilismo bem entendido, que não é origem de moral relaxada, e nunca foi condemnado, como já dissemos. E não só os jesuitas, mas innumeraveis theologos de todas as ordens religiosas. Nem todos os jesuitas abraçaram esse systema nas suas obras; antes muitos o combateram fortemente, e entre elles um geral da Companhia.

Os jesuitas não tem lei que os obrigue a seguir este ou aquelle determinado systema moral. Se as constituições da Ordem ou alguma declaração das congregações ordenassem que os membros da Companhia só adoptassem o probabilismo, com exclusão do systema contrario, alguma rasão haveria para a censura. *Alguma* diremos, porque coarctava a liberdade de pensamento em materia controversa nas escholas.

Comtudo, uma vez admittido que o probabilismo nada tem de mau, podia muito bem a Companhia estabelecer o em principio moral, sem que por isso fosse tida como patrona de doutrina laxa.

Mas não ha tal decreto: os jesuitas são livres em seguir qualquer systema, e vemos por uma e outra parte theologos d'esta congregação.

Se a maior parte d'elles abraçaram o

probabilismo (o que não negamos), gravissimas rasões os forçaram a isso. Como homens de consummada experiencia e rara habilidade na direcção das almas, conheceram que a opinião benigna era mais util que a rigorosa.

E' a mesma rasão que actuou em Santo Alfonso de Liguori para defender a causa do probabilismo.

De resto, este systema não foi inventado de nenhum jesuita. O primeiro auctor de moral, que *ex professo* tratou esta questão, foi Bartholomeu de Medina, dominicano, em 1577, e logo foi seguido por muitos doutores da mesma ordem; e, quando alguns jesuitas o adoptaram, já era doutrina commum nas escholas de theologia.

Eis aqui a que se reduz este artigo de accusação e que não podemos n'este logar dar o devido desenvolvimento, sendo só o nosso fim apresentar uma breve ideia da questão do probabilismo.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

As conferencias quaresmaes na Sé do Porto em 1884

POR MONSENHOR RODRIGUES VIANNA

I

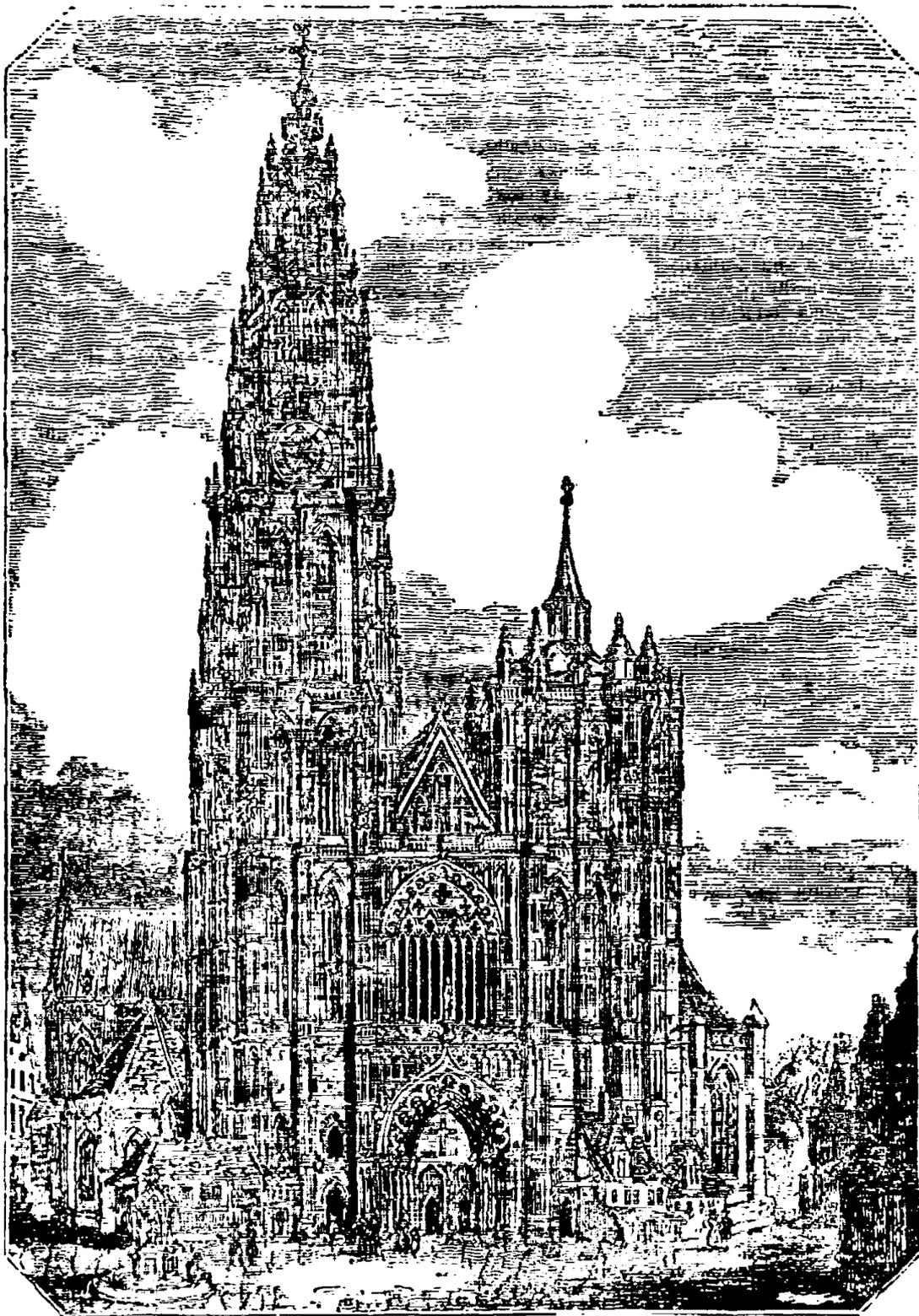
O Apostolado do Clero em face do seculo

(Continuado do n.º anterior)

DIZ-SE e inculca-se afincadamente na nossa epoca, que o Padre é o espectro sinistro do progresso, a sustar, com os anathemas do seu obscurantismo e da sua intransigencia ferrenha, a marcha ascencional da sociedade contemporanea. Mas estas declamações gratuitas e injustissimas contra o ministro de Deus, que abi se formulam e se propalam todos os dias, no livro d'ensino, no romance de recreio, e no jornal desmoralizador, accusam a mais supina iguorancia, ou a mais requintada má fé.

O Padre, pelo facto de ser o orgão transmissor da vida divina na humanidade, é, por isso mesmo, o obreiro nato do mais elevado progresso na ordem moral; e o progresso na ordem moral, seuhores, é a base, o cimento e a linha directriz do progresso na ordem material: quando este se fomenta com exclusão d'aquelle, o progresso material pôde, é verdade, brilhar por momentos com um falso brilho que deslumbra; mas bem depressa degenera em retrocesso, e apparece a lume com todas as suas funestas consequencias. A experiencia já se vai encarregando de o demonstrar com a logica fatal dos acontecimentos; e oxalá que assim não fóra!...

Observae o Padre nas diversas func-|gradações da vida sensual e terrena às|labios e geme, saudando, como em tris-
ções de seu altíssimo ministerio; que faz|eminencias da espiritalisação e morali-|te elegia, a luz crepuscular da existen-
elle? Toma em suas mãos unguidas a hu-|dade. |cia, porque a herdou com labéo, e na



CATHEDRAL DE ANVERS

manidade, desde as mantilhas festivaes|do berço até aos crepes luctuosos do se-
pulo, para guindal-a das miserias e de-

Observae.

Quando o recém-nascido abre os olhos|pela primeira vez e chora, descerra os

privação do eterno Bem, eis que desde|logo se lhe depara nos umbraes do tem-
plo, collocado nas fronteiras dos dois

mundos—o mundo da natureza e da graça—, o vulto magestoso do sacerdote, que recebe em seus braços, como no berço da immortalidade, o filho lacrimoso da culpa, e, immergindo-o na fonte regeneradora, apaga-lhe a macula de origem, e compenetra-o das primeiras influências da vida sobrenatural e divina.

Qual a rosa, que brotando d'uma caule viciada, pende esvaída e languida, sem que a força d'attracção possa levantar-a para o sol, que a illumina e aviventa, assim era essa pobre creança. Nascida, como todos nascemos, de vergonteadas que se eivaram na sua raiz, pendia languescida para a terra, e na terra revolteria a existencia inteira, sem que a lei da attracção, inherente á alma humana, podesse eleva-la eficazmente para o infinito, que é a sua luz e a sua vida. Mas o sacerdote, purificando-a da eiva hereditaria, deu alento, viço e colorido a essa pobre flôr viva, languescida ainda em botão; e elevando-a para o infinito sol, diz-lhe na linguagem eloquente dos factos—alevanta-te, filho do pó! e sobe, progride sempre, ascendendo sempre, para esse infinito sol, que é o teu ideal, a tua paragem, o teu destino!... Oh! sublime obreiro do progresso! E como é veneranda a dignidade sacerdotal! *O veneranda sacerdotis dignitas!*

Mas o neophito da vida divina faz ámanhã a sua entrada solemne no mundo, e o mundo corteja-o sorrindo-lhe por entre as moitas d'um jardim encantador, e offerecendo-lhe, dadivoso, a taça espumosa do prazer. Joven, inexperiente, com o coração expansivamente aberto para tudo o que seduz, encanta e inebria, colheu, delirante, uma d'essas flores ephemeras, dos magicos jardins do mundo, e trocou por ella a grinalda angelica da sua innocencia intemerata, bebeu sollreço o primeiro trago, na copa inebriante do prazer, e trocou por elle os celestes festins da virtude; mas que? A flôr, apenas colhida, desfolhou-se logo, deixando-lhe lancinante espinho imbebido no coração; o prazer, apenas haurido, desvaneceu-se logo, deixando-lhe amargas fezes depositadas no fundo d'alma...

Triste, inquieto, flagellado do acerbo pungir do remorso, o anjo decahido, se volve os olhos ao ceu, e para logo baixal-os sobre si mesmo, onde só lhe apparece a imagem lugubre da culpa, alummiada pelo relampago sinistro da justiça vingadora. Um profundo desconsolo o atedia, um profundo desalento lhe alquebra o animo: já não tem brios nem enthusiasmo juvenil para se dedicar á familia de quem é o enlevo, á sociedade de quem é a esperanza, á patria de quem é o porvir; e, quando lhe accode o pensamento de uma reabilitação moral, cae-lhe abatida a fronte sobre o peito, e exhala um suspiro, porque sente que lhe fallece o vigor.

Crente, todavia, appella para a religião, volve os olhos ao templo, e que vê? Vê de novo o sacerdote, que assentado n'um throno de infinitas misericordias, enche de luz as almas anotecidas, verte doçuras nos corações ulcerados, desentranha perolas dos muladares, se, esperanza e amor das duras fragas da culpa, e a todos restitue, por entre os hymnos festivos do ceu e os rugidos desesperados do abysmo, a corôa da perdida innocencia, emperolada pelas lagrimas do constricto. E o prodigo vae: depõe concludamente n'aquelle seio condolente e inviolavel o angustioso segredo do mal, que lhe excrucia a existencia; inclina-se humilhado; murmura uma supplica de perdão, e o homem de Deus derrama sobre elle uma benção; e essa benção é o arco-iris da paz, que reconcilia o ceu e a terra, a grandeza e a miseria, a immensidade e o nada, e transforma um criminoso n'um justo! Que portentosa benção aquella!

Qual o debil arbusto que, batido pela furia dos ventos, perdeu toda a vigorosa folhagem com que se ataviava donairoso, e tão enfraquecido o deixou o açoitado tufão, que, derrubado para o solo, nem pôde erguer-se nem frondear de novo; era assim esse pobre delinquente, devastado e enfraquecido pelo tufão do mal. E o sacerdote, abençoando-o no tribunal sagrado, evoca-o á vida da graça, infiltra-lhe o alento e a energia renovadora, e essa debil planta animada, que mal podia erguer-se da prostração da culpa, ergue-se agora, fortalecida e vigorosa, e de novo frondeja vicejante, e se corôa, florente, das mais bellas e prestimosas virtudes, que embalsamam o santuario domestico, esmaltam o campo social, e ennobrecem os braços da patria. O sublime obreiro do progresso!... E como é veneranda a dignidade sacerdotal. *O veneranda sacerdotis dignitas!*

Um dia, porém, o filho da redempção, que deve ao sacerdote os gosos mais puros, os dons mais preciosos, e as paginas mais brilhantes da sua vida, quer dever-lhe ainda a consagração d'um acto momentoso, que vae abrir uma nova epocha para os seus destinos.

Apresenta-se-lhe ao arco cruzeiro da igreja, trazendo ao seu lado aquella que escolhera para ser o sacrario dos seus affectos, a desvellada companheira dos seus dias, a que ha de suspender em torno d'elle as flôres da vida, como essas delicadas trepadeiras da floresta suspendem em volta dos troncos robustos, a que se enleiam e amparam, as suas grinaldas olorosas. E o sacerdote vincula para sempre aquellos dous corações n'um só coração, e symbolisando n'esse enlace sagrado a união indissolvel de Christo com a sua Igreja immaculada, banha o thalamo conjugal nos aromas do mais puro e santo amor, e con-

verte os lares n'um templo, e a familia n'uma aprimorada escola de moralidade, onde se formam os cidadãos prestantes, obedientes á lei, mantenedores da ordem publica, e abnegadamente devotados ao seu paiz. O sublime obreiro do progresso!... E como é veneranda a dignidade sacerdotal! *O veneranda sacerdotis dignitas!*

(Continua).

Secção Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

O seisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º 16)

1.º REPARO

Não é Bulla Pontificia

RESPOSTA

Aqui tem o dito snr. milhares de razões: assim é, não é Bulla Pontificia; por que lhe faltam as formalidades caracteristicas desta especie de Diplomas Pontificios: porem não se pode negar que ao menos é um testemunho autentico, e fidedigno de Pontificia Decisão; para um particular que mais é necessario? Temos a substancia, que importam os accidentes ou accessorios, que não dão nem tiram o valor intrinseco á substancia? Nelle não vemos assignatura de S. Santidade nem signal algum do seu proprio punho: mas é o canal, por onde nos é communicada a sua palavra; porventura (se me é licita esta comparação) a palavra de Deus *tradita* tem menos valor, e firmeza, do que a escripta? Não certamente. Por tanto confessamos que não é aquelle documento uma Bulla Pontificia propriamente dita, mas é um meio seguro e firme, por onde nos consta o oraculo da sua voz; se alguem lhe deu aquelle nome, ou nunca o vio, ou entende muito pouco de Diplomacia Pontificia.

2.º REPARO

Essa decisão parece ob e subrepticia

RESPOSTA

Não basta que pareça, é necessario que seja. Em materias d'esta natureza não bastam suspeitas, ou conjecturas, são necessarias provas demonstrativas, que façam certa a sub e obrepção. Os decretos dos soberanos devem sempre presumir-se pronunciados com pleno, e verdadeiro conhecimento de causa, em quanto não apparecem rasões positivas, e convincentes do contrario. Aliás teremos sempre pretexto prompto para nos subtrahirmos á sua obediencia. Poderemos sempre suppor que os seus mandatos, e determinações são filhas, não da

sua vontade, e sabedoria, mas ou das mentiras, que lhes suggeriram, ou da subtracção das verdades, que lhes occultaram; e com tal principio onde iriamos nós parar?!

3.º HEPARO

Pois não será sufficiente prova de ob e subreção o faltar para essa decisão aquellas formalidades essenciaes que o Direito já mais permite preterir entre estas a audiencia do cabido parte interessada e inulpenavel neste juizo?

RESPOSTA

Se o cabido não foi ouvido, foi por que não quiz fallar, como devia, e estava obrigado. Em 1616 foi consultada a Sé Apostolica—Se achando-se o Bispo em paizes remotos, e fallecendo na Diocese o Vigario, que o substituiria, ou sendo elle removido pela auctoridade secular podia o cabido nomear Vigario Capitular? Decidiu a Sagrada Congregação dos Bispos—Negative—: *quia tunc recurrendum esse ad sedem Apostolicam provisione* (1). Ora o Arcebispo de Braga não podia estar em paiz mais remoto; estava na Eternidade; e os seus Vigarios Capitulares (Loureiro e Moniz), que supriam a sua falta, e que o cabido reputava legitimo, tinham sido removidos da Diocese, pela auctoridade secular; que devia fazer o cabido em tal caso? Está decidido—*ad sedem Apostolicam recurrendum pro provisione*—Deviam pois não esperar, mas prevenir a citação, expôr a S. Santidade o estado d'aquella Igreja, e esperar pela resolução Pontificia. Bem entendido, que os dous Vigarios Capitulares (Loureiro e Moniz) removidos da Diocese, eram e ainda são vivos.

Mas em fim sejamos justos e imparciaes, permitam-me perguntar tambem. Foram acaso ouvidos os Bispos expulsos das suas dioceses, os parochos das suas parochias, os conegos das suas cadeiras, os frades dos seus conventos, os beneficiados do goso dos rendimentos dos seus beneficios; em fim até mesmo leigos dos empregos que lhes tinham custado o seu dinheiro, e de que estavam em pacifica posse? . . . Pois se na ordem politica pode haver casos de tanta urgencia, que a saude publica, a felicidade temporal de um povo, possa justamente armar o soberano politico do Alfange *Dictatorio* para cortar todas essas essenciaes formalidades, não poderá tambem na ordem Religiosa haver casos de tanta precisão, e urgencia, que o bem espiritual de uma grande Diocese, a salvação eterna das almas, que tanto sangue custaram ao Redemptor do Mundo, que este Senhor

subindo ao Ceo tanto recommendou ao seu vigario, que deixava sobre a terra, de tanta urgencia, digo, que constitua o soberano espiritual em uma especie. . . não sei se o diga! . . . de *Dictatura Religiosa*, que auctorise para dispensar nessas tão encarecidas, e essenciaes formalidades? Não tem lugar igualmente neste como naquelle caso, a grande maxima do *Salus populi*?

Em uma palavra, snrs. calem-se as paixões, a ambição, a cubiça, as rivalidades e as vinganças; e reine a ordem, a concordia, a amisade e a justiça, e então veremos desaparecer da face da terra de uma vez para sempre todas essas anomalias; e nós ficaremos livres de tantas contendadas, disputas e alterações.

FIM

Lisboa—1884.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Seção Critica

FINANÇAS

N'ESTE seculo, em que os paradoxos têm honras de Sentenças, corre com outros aquelle do *Bardo*. . . *Donnez moi de bonnes finances, et je vous donnerai de la bonne politique*. E os sabichões do progresso aceitaram este paradoxo como uma sentença, e hoje corre assim por esse mundo tão fátuo como presumptuoso. As boas finanças, que sam *effeito*, fôram declaradas pelo *B. . . causa*, e os *escholdres* da inconsequencia disseram *bravo!* é esta uma das muitas de este seculo, em que mais se falla do que se pensa.

O que é a politica? é a arte de governar; e esta pergunta e esta resposta de todo se entendem ao governar bem; pois que governar mal, chama-se governar porem não é governar. Como é possível pois, que haja finanças antes de governo, quando aquellas não sam mais que a existencia de um *déve* e *haver*, governados competentemente. Pôde-se argumentar das finanças para o governo em hypothese, porem não em thése, pois seria como pôr o material acima do moral, e isto é um erro. Seria governar antes do governo o resultar a *boa politica* das *boas finanças*, e isto é excluído como um paradoxo, e só admitido por quem vai com essa confusão, filha da ausencia do respeito e da observancia dos Verdadeiros Principios.

Como se pode dizer, que um homem tem seus bens em boa administração antes de os ter administrado? Argumentemos da familia em casa para a familia em Nação, e assim da boa administração de aquella para a *boa politica* do bom governo. Uma das causas das abher-

rações *hodiernas* é por certo o desprezo com que por muitos modos se busca esquecer a familia, e só *presar* ou erradamente pensar no *Estado* e ao ponto de se querer tornar este n'um *deos*, e para que este *deos* sirva o *deus venter*; houve um homem, que foi *Ministro de Estado* (haverá uns quarenta annos) e que dizia que o ventre estava superior á cabeça! dizia em conformidade com os tempos que já corriam e mais correm; se citámos n'outro lugar esta, que por favor chamamos asneira, não ficamos prohibido de a citar de novo para que se veja novamente como o mundo só humano *«pensa»*.

Antes não se dizia em Portugal *finanças*, dizia-se *fazenda*, *fazenda do Estado*, em vez de *finanças do homem* ou *do Estado*; a mudança de nome acompanhou o inicio e acompanha o progresso para o *finamento* dos recursos ou *bancarrotas*. Nós dispensariamos aos *financeiros modernos* o *exquisito* e até *bombastico* da phrase; e os considerariamos de outro modo, se os vissemos capazes de *facto* que não fosse individuar as Nações; de todo esse *financeirismo* só vemos resultar um inegavel consequente e é uma *minoria de homens ricos* e os *Estados empobrecidos e insulveis*.

Hoje ha no Mundo uma só Nação, que se apresenta *soluvel* em sua divida publica, e tal Nação é os *Estados-Unidos-Norte-Americanos*, que não faz ou contrahе emprestimos de *mau governo*, e continua a *amortisar* seu debito de modo que o verá extincto em annos e não em seculos. Sabemos, que os *financeiros* e os *economistas* filhos da *Revolução* e da *theoria* de esta, se aterram com a idéa de um *Paiz sem divida* e mesmo perguntam—como empregar paga a *divida publica*, essas sommas, que faziam ou podiam fazer a divida publica? Oh desgraçados *philosophos do ouro!* que por este vos offuscaes; nós vos respondemos succintamente. A Era Christã (não remontemos mais longe) está quasi tocando o complemento de *desanove* seculos, e a *Revolução* ainda não completou, e desejamos que não complete, o seu *seculo nefasto*.

As Nações Christãs cubriram-se de glorias e prosperidade sem *divida publica* ou pelo menos sem terem constituída esta como uma *entidade* com character permanente e heriditario; e foi a *Revolução* com sua *theoria*, que individou e vai individando até aos cabellos os Estados, e os tornará, continuando a influir, *calvos* como um queijo. Que importa, que uns tantos *millionarios* e outros *ricassos* não possam empregar seu dinheiro em papeis ditos ou *alcunhados de credito*, uma vez que as Nações não devam, e os povos de ellas não se vejam subcarregados de impostos para pa-

(1) Sacra Cong. Episcop. et Regal. 11 Januarii an. 1616.

gar dividas de máu governo publico? Aquelles mesmos ricos e ricassos seriam obrigados a empregar sua moéda de modo proveitoso a si e ao Paiz, quando impossibilitados do *empréstimo*, e da compra e venda de *papeis*, trabalho de ambiciosos, e de ociosos por forma que o é *sem suor do rosto*. Portugal sem *divida publica consolidada*, sem *divida publica fluctuante*, sem *divida municipal* e ainda *outras dividas*, que também pêsam sobre os obrigados contribuintes, teria hoje empregados em si milhões (de que só Deus sábe o numero!) com attestado proveito do Paiz, e tendo tirado aquelles capitalistas um resultado a salvo do característico de *agiotagem*. O *financeirismo* é tanto de *empréstimo*, que faz dos *prestamistas* os homens de *causa ordinaria*; em vez de os querer para *ocasiões* realmente *extraordinarias*, e não ditas taes ou tornadas assim pelo *desgoverno*, e *desgoverno* tão aturado, que se torna em modo de *governar*.

O *tal susto* não assusta o Governo Norte-Americano; nem os millionarios e ricassos seus governados recalcitram contra os esforços governativos *amortizadores*; lá continua a *amortisação da divida publica*; e, quando aquelle Governo toma de *empréstimo*, é como um recurso tomado a sério e não como um meio ordinario de *governar*. Se alguns dos alludidos capitalistas ou *financeiros* não gostam, que o seu Governo *amortise*, este não se embaraça com isto; vai *amortizando* e a contento de aquella extensa e importante Nação. Toda a *arte sophistica* é impotente para contrariar a evidencia da asserção: *o que de ve está mal!* logo *peõrmente* o que *deve* mais, e *pessimamente* o *insolúvel*. Os homens e os Governos, hafejados ou em *presa da civilisação* sem Deos, tornam-se luxuosos; o luxo dá a mão à *divida*, quando mesmo esta não foi o que produziu aquelle, e depois *cova!*

Os Estados, os Municipios, etc., estão devedores ainda por muito mais do que entrou no *thesouro publico* e mais *cóffres*, e os contribuintes pagam e não de pagar como se todo o *nominal* representasse realmente o *quantum* recebido no *thesouro* e mais *cóffres publicos*, pois que os diferentes *empréstimos* não são emitidos, ou apenas uma vez ao par, e ainda em cima ha as *commissões* e *premios* em favor de *individuos*, e tirados dos mesmos *empréstimos*. Esta é a *marcha*, tanto *lá* como *cá*.

E ainda ouzam os *frescos financeiros* maldizer os antigos *fazendeiros*, que regulavam a *fazenda publica* de modo que as *despezas publicas* eram *saltadas* com as *publicas receitas*, e se havia *diferença* entre *receita* e *despeza* era a do *Superavit* e não a do *deficit* *«hodierno»* que regulavam a *fazenda publica* de maneira, que nos *cóffres publicos* en-

travam os dinheiros sem os *mil* *descontos*, que fortemente diminuem as *sommas applicaveis* ás *despezas* e *necessidades* do Estado; e citemos Portugal, onde *antes* todo o alludido *desconto* se *reduzia a um por cento* (1%) para o *Provedor*. Que regulavam a *fazenda publica* com um processo de *cobrança* simples e *economico*, e não com esse *apparato* e *complicação de moda*, que custa *sommas enormes*, gastas com um *personal* e *material excusaveis* e á *custa* dos contribuintes, que os *financeiros modernos* não deixam de considerar *Californiafnias*, mas que o não são.

Financeiros de hoje! vós não vos contentaes com menos de chamar *Sciencia* a vossa *theoria* e por consequencia *sábias* as vossas *practicas*; mas o que se percebe com bom exame é que só sois capazes de dar com os Estados em *pan-tana!* *Acastellar cifras* é vossa *profencia*, da qual *nove fóra... nada*. Antes em boa situação *fazendeira*; depois que *appareceu* a tal *sciencia*, e os *financeiros* poseram mãos á obra, só vê as *Nações* carregadas de *dividas* e de *impostos*; de *impostos*, que em sua grande parte apenas chegam para satisfazer os *juros* de aquellas; e, além do que *se vê*, o que *se espera!* O *empréstimo* de *antes de hontem*, o *empréstimo de hontem*, o *empréstimo de hoje*, succedendo-se com *augmento* de *encargos* e com o *continuado* *testemunho* de *progressiva* *necessidade*, tornarão ainda mais *onoroso* o *empréstimo de amanhã*, mais *pesado* do que este o de *depois-de-amanhã*, e a *final* *acaba* a *receita-empréstimo*, e o Paiz em *banarrota*, depois de seus habitantes se terem dado *em sangue* pelos exigidos e recebidos *impostos*, a respeito dos quaes este ou aquelle Governo não teve o *devido* *escrupulo*, e a seus homens Deos *dirá—rede ratiõnem!*

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Secção Illustrada

I

D. Gualdim Paes

NASCEU em Braga este famoso paladino e foi companheiro de D. Afonso Henriques e por elle armado cavalleiro. Escudado com a cruz vermelha dos crusados, partiu para a Palestina, assistindo ao cerco de Gaza, em 1153. Voltando a Portugal, foi eleito mestre da ordem do Templo, que então tinha a sua sede em Braga, talvez onde ainda hoje existe uma rua com o nome de D. Gualdim.

Em 1160 mandava D. Gualdim principiar a construcção do castello de Tho-

mar, onde por muito tempo residiram os Templarios, e mais tarde os freiras de Christo.

Em 1169 foi D. Gualdim nomeado fronteiro da Extremadura, por D. Affonso Henriques, dando-lhe a terça parte de tudo quanto conquistasse pelo seu esforço. O nosso heroe satisfez admiravelmente ao mandado do rei e em muitas *incursões* que fizera por terras mahometanas, bem mostrou o seu valor, e o amor da patria.

Quando o kalifa Amnade, Yacub, atravessando o Alemtejo veio pôr cerco a Thomar, achou D. Gualdim e os seus valentes cavalleiros bem dispostos para o combate, e tanto que o kalifa, desvassando os arredores de Thomar, arrasando Torres Novas, e assaltando durante seis dias o forte castello dos Templarios, não conseguiu mais que perder a flor do seu exercito, retirando vergonhosamente, deixando os cavalleiros do Templo cobertos de gloria.

Foi tão tenaz o ataque e a resistencia, que uma das portas do castello se ficou chamando porta de sangue, pelo muito que alli derramaram os soldados do emir.

D. Gualdim Paes, o mais valente cavalleiro do seu tempo falleceu em 1195, e foi enterrado na igreja de Santa Maria do Olival, junto de Thomar.

Foi com homens como D. Gualdim Paes, que pelejavam á sombra da cruz, que se formara o reino de Portugal.

II

A Cathedral de Anvers

Anvers é uma cidade importante da Belgica, com uma população de 100:000 habitantes, possuindo um porto de mar magnifico, que pôde abrigar mil navios. É uma praça forte, e muito industrial.

Entre os muitos edificios que possui, dignos de mencionar-se destaca-se a cathedral, principiada a edificar no seculo XIII, e cuja construcção levou 80 annos. É da invocação de Nossa Senhora, e foi crecta em cathedral pelo Papa Paulo IV em 1559, a instancia de Philippe II de Hespanha e dos Paizes Baixos. O seu comprimento é de 165 metros, e a largura de 80. A maior altura é de 120 metros e o corpo é formado por 230 arcarias abobadadas, sustentadas por 125 columnas, que formam as tres naves do templo, o mais bello talvez da Europa. Em 1624 foi construido o altar-mór, executando-se o plano e desenho de Rubens. Contam-se 32 altares lateraes, nos quaes se admira o mais bello marmore de Italia.

Esta cathedral possuia cem formosissimas tocheiras de ouro, que serviam nas grandes festas, assim como um thuribulo do mesmo metal, guarnecido de preciosissimas pedras, doado por Francisco I, rei de França. Tudo isto foi rou-

bado pelos republicanos francezes em 1797.

A torre é de uma belleza pasmosa, assim como a frontaria do templo, e tem 160 metros de altura, sendo necessario, para chegar á ultima galeria, subir 622 degraus, gozando-se do alto um panorama surprehendente. Tem 60 sinos. Para completar o risco deve ter duas torres, mas a segunda ficou em meio, como se vê da nossa gravura.

São admiraveis os quadros e pinturas da cathedral de Anvers, e entre elles ha trabalhos dos melhores artistas.

Assim animavam os antigos as artes, e deixavam monumentos como este, para attestarem o seu amor pelas grandezas do trabalho. Hoje anima-se o trabalho com palavriados. R.

NOVO RECRUTAMENTO

Com o presente n.º distribuimos um prospecto a cada um dos nossos assignantes para lhes lembrar que o *Progresso Catholico*, ao entrar no 7.º anno, carece de novos subscriptores, carece de novos soldados que, alistados sob a bandeira da cruz, accitem e propaguem as doutrinas da Igreja.

Seja cada um dos actuaes leitores do *Progresso Catholico* um agente da cruzada santa porque combatemos ha seis annos, fazendo inscrever como soldados n'este exercito que tem por chefe o Papa, por codigo o Evangelho e por estandarte a Cruz, todas as pessoas das suas relações; quando a impiedade redobra de esforços para perder a sociedade, para estabelecer o reino de Satanaz, para levar a deshonra ao seio das familias, não podem, não devem os catholicos ficar inactivos.

Os subscriptores do *Progresso Catholico* formam uma associação que, quando bem espalhada, quando assás forte em todas as terras do reino, muito pôde fazer pela Igreja e pela Patria. Agremiem-se todos os catholicos sob a bandeira do *Progresso Catholico*, e depois, veremos como esta vasta agremiação, com as bençãos da Igreja, hade produzir fructos beneficos, hade quebrar muita arma que se dirija ao aniquilamento da familia, hade estabelecer o respeito devido ao clero, hade sustentar n'este paiz as suas gloriosas tradições.

Que nem um prospecto volte em

branco é o que nós desejamos e esperamos da religiosidade e patriotismo de todos os nossos assignantes.

A REDACÇÃO.

Retrospecto da quinzena

HA muito que desejavamos ir a Braga, trepar á montanha onde se ostenta o bello sanctuario do Bom Jesus, e ajoelhar diante da Imagem da Virgem do Sameiro. Os muitos quefazerres, e a pouca saude adiavam a realisacão d'este desejo, e os amigos a quem haviamos annuciado uma visita viam sempre desmentida essa promessa, assim como agora, porque não fomos a Braga, passamos apenas por Braga.

Mas o que é certo é que fomos, na manhã do dia 24 de junho, á hora poetica da madrugada, gozando um quadro esplendidamente bello, porque a estrada de Guimarães a Braga é antes a rua d'um formoso jardim.

Quando avistamos do alto da Morreira a cidade augusta, que ha muitos annos não visitamos, sentimos um certo contentamento, e gostamos mais uma vez de a contemplar, qual sultana banhando-se donairoza em um mar de verduras.

Ao atravessar o bello sitio de S. João da Ponte, vimos a feira e romaria em principio, e admiramos junto ao rio um passo representando o Baptismo de Christo. A rua das Aguas estava galhardamente engrinaldada, e o povo enchia-a completamente.

Em Braga tivemos tempo apenas de assistir ao Santo Sacrificio e de vêr o carro e dança dos pastores, assim como a classica dança do rei David, que muito gostamos de vêr, e applaudimos os bracarenses por não deixarem perder estas *antiquilhas*, como lhe chamam alguns espiritos *iluminados*. O carro era bonito e as figuras bem vestidas, e de lindo gosto a musica.

Guardando para a volta o abraçar as pessoas amigas, partimos para o Bom Jesus, admirando o aspecto da rua que do Campo de Santa Anna vae para a montanha santa. Imenso povo a pé, centenas de carruagens, dezenas d'americanos, e carros ainda arrastados por machinas de vapor, tudo isto fazia parecer que estavamos, não em Braga, Porto ou Lisboa, mas n'uma das mais concorridas ruas de Paris ou Londres. Passamos tambem das muitas casas de gracioso aspecto que orlavam a rua, escondidas algumas entre as flores de pequenos jardins, etc. etc. A's 10 horas ajoelhamos diante do altar da Virgem do Sameiro, que é a mais perfeita esculptura que temos visto. A capellinha é formosissima tambem, e o sitio é bello, com

vistas magnificas, com panoramas riquissimos em derredor; todavia, forçoso é dizel-o, o monte Sameiro não tem a belleza da nossa serra de Santa Catharina, que lhe fica fronteira: mas em compensação tem uma estrada magnifica, e no fundo da serra um povo que, com a protecção da Virgem, será capaz de fazer do Sameiro um jardim.

Ao meio dia entravamos no sanctuario do Bom Jesus e ficamos maravilhados da belleza de tão grandioso templo. Ricas pinturas e de um effeito admiravel dão ao templo do Bom Jesus o cunho de uma das mais bellas egrejas de Portugal, e o que sobremodo nos maravilhou foi a devoção, o recolhimento com que a immensa multidão que encontramos aqui e no Sameiro, se apresenta. Fóra é tudo grandioso, tudo esplendido, prenhe de belleza e magestade. Bosque e jardins, agua em abundancia e ar puro que a gente bebe a longos pulmões. E' isto o Bom Jesus, a montanha milagrosa, porque sem o milagre, não podia o povo de Braga, apesar da boa vontade e do entusiasmo que lhe conhecemos, fazer tanta cousa, amontoar tantas bellezas, que a gente deixa com saudade, e que deixa a custo.

Quando voltamos a Braga escondia-se o sol, e lá deixamos os amigos sem o abraço prometido, rodando em direitura a Guimarães, onde chegamos ás 10 horas da noite, cheios de gratas recordações, e com o mesmo desejo de voltar a Braga que tinhamos na vespera.

Voltaremos breve a Braga, querendo Deus.

A religião catholica, digam o que quizerem os seus inimigos, é a unica instituição que sabe, que pôde, que quer occupar-se dos pobres, cuidar das suas misérias, dar-lhes remedio. Hoje encontramos em um periodico a noticia de que o muito illustrado Bispo de Grenoble acaba de fundar uma congregação religiosa, denominada *Irmãs do operario*, e que se dedicará exclusivamente á assistencia dos trabalhadores nos grandes centros fabris.

Estas *Irmãs* instalar-se-hão junto das fabricas, crearão cosinhas economicas para fornecer comida boa e barata ás familias trabalhadoras, terão escolas e berços para os meninos, guardarão as sobras de seus ordenados, como as caixas economicas e monte-pios, lavar-lhes-hão as roupas e em suas enfermidades lhes serão enfermeiras.

Digam-nos agora os philantropos, os da caridade sem Deus, se já tiveram uma lembrança como a do Bispo de Grenoble! E se são capazes mesmo escudados pelos governos, e pelos regios mantos, de fazer o que vão fazer as *Irmãs do operario*, essas humildes muheres que não tem mais que a fé, a

caridade e a esperança, trindade augusta que vale mais que tudo quanto fizerem os philantropos, que nem o caldo da portaria do convento, souleram substituir por outro.

Não fosse a Egreja, mesmo depois de expoliada, e a fome campearia por toda a parte, a miseria atulharia as ruas, a devassidão imperaria em meio das cidades mais cultas, como se vae vendo, onde a Egreja é mais perseguida.

N'este mundo ha gente de uma ingenuidade pasmosa, ou então de uma malvadez requintada.

O *Commercio do Porto*, publicava no seu n.º de 21 de junho, n'uma correspondencia de Madrid, o seguinte:

«Que as Ordens monasticas são não só prejudiciaes mas tambem um verdadeiro anachronismo, demonstram-o os seguintes dados estatisticos. No seculo xvii, havia em Hespanha 900:000 frades para um paiz de 10.000:000 almas. No seculo passado 11.700:000 habitantes sustentavam 600:000 frades. Hoje, que só ha alguns frades tolerados, visto que se consentem no carnaval os disfarces e mascaradas, a Hespanha conta 17.000:000 almas. Não ha logica como a dos algarismos.»

Se o correspondente de Madrid e os redactores do *Commercio do Porto* não fossem uns grandes velhacos, nós chamaríamos a todos elles ignorantes, estúpidos e intrujões. Pois que pôde ser um homem que vem dizer que a população de Hespanha cresceu desde que não ha frades, senão um intrujão de marca?

Não nos dirá a redacção do *Commercio do Porto*, e o seu correspondente de Madrid, quantos habitantes tinha a Hespanha, quando lá não havia frades? E não nos poderão dizer tambem quantos habitantes tinha Londres no seculo passado, antes de ter frades, e quantos tem hoje, quando a grande cidade está cheia de frades?

Quantos habitantes contava a America antes de lá entrarem os frades, e quantos conta hoje, com os frades?

Pois não sabem os mal intencionados jornalistas que todos os povos civilizados tendem a augmentar a população, e que isto se dá tanto nos paizes que tem frades, como nos que os não tem?

Que parlapatões são estes inimigos dos frades! E que parvos por julgarem que ninguem os conhece!

Ha mezes que a imperatriz da Allemanha se acha gravemente enferma, e não admite immediatamente junto de si outras enfermeiras que as *Irmãs de Caridade* catholicas. Ora, sendo a imperatriz e toda a córte allemã protestante, não se pôde encontrar uma prova mais eloquente do que valem essas virtuosas filhas de S. Vicente de Paulo, essas fi-

lhas de uma religião que tanta confiança inspira aos grandes da terra.

E como serão as *Irmãs de Caridade* tratadas nos paços imperiaes da Allemanha! que attensões, quantos respeitos lhes não dispensarão todos os servidores da velha imperatriz!

Mas quantas desconsiderações, quantos insultos soffrem ellas, n'outras partes, por pygmeus que nem para cavalharicos serviriam da imperatriz da Allemanha!

E' que ha corôas que assentam bem e outras que estão deslocadas.

Para que se saiba mais uma vez que a maçonaria tem a parte principal em todos os factos que se teem dado respeito à Egreja, é bom archivar a seguinte circular, que o Grande Oriente de Italia, dirigiu a todas as lojas:

«Carissimos irmãos: A nossa sêde em Roma abriu uma nova era para a humanidade, para a Italia e para a maçonaria. Tiramos da legislação a infame theocracia, que era um insulto à civilização, e conquistamos para a nação a sua heroica capital. A maçonaria, porém, não cumpriu ainda a sua missão, e a humanidade espera que demos o ultimo golpe a uma religião rapace e sanguinaria; e depois de haver reivindicado para o poder laico uma sêde de deshonra, que temos civilizado, teremos ainda grandes deveres a cumprir, teremos de combater os inimigos do progresso e proclamar o reinado da justiça ou a victoria da razão.»

Vejam-se n'este espelho os que veem na maçonaria uma associação nada perigosa, e se não pertencem à seita condemnada, se estão de boa fé, proclamem alto os seus funestissimos fins, que assim estarão ao lado do nosso Pae o Pontífice Romano.

Foi sempre a melhor medicina a divina Providencia, e supposto não devamos desprezar a sciencia, porque tambem é por intervenção divina que ella opéra, devemos ter fé e esperança em Deos, em meio de todas as desventuras. Casos tem havido em que a sciencia abandona muitas enfermidades, e Deos Nosso Senhor, por intermedio dos seus escolhidos os restitue á vida.

Estão n'este caso os factos que vamos narrar, tal qual nol-os participa uma senhora respeitavel, de Celorico da Beira, assignante do *Progresso Catholico*.

O snr. Antonio Bernardo de Souza, pae da ex.^{ma} snr.^a que nos informou, achava-se em um estado desesperado, sem esperança de vida, abandonado da sciencia, esperando a hora da partida d'este mundo. Durante seis mezes não comeu cousa alguma, apenas alguns caldos tomava a custo. Dores horribes o affligiam, e em nada achava consolação.

A filha estremecida, devota de Nossa Senhora de La Salette empenha a sua Protectora a favor de seu pae, e este, dentro em pouco tempo levanta-se, restabelece-se, sãra.

Por intermedio do Sagrado Coração de Jesus alcançou a nossa devota assignante a cura de sua mãe, depois de estar tambem abandonada da medicina. Nada restava já à familia que preparar-se para a grande scena da despedida, quando a protecção do Sagrado Coração de Jesus foi implorada, com promessa de fazer publico o milagre por meio do *Progresso Catholico*. A doente está sã e sua filha, a. ex.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo de Souza pede-nos para que satisfaçamos ao que promettera ao Divino Coração, o que da melhor vontade fazemos, louvando o Senhor.

O palermismo portuguez, official e não official, não quer jesuitas em cousa nenhuma, e teme que a liberdade perigue, a instrucção desapareça, se os jesuitas se encarregarem da educação da infancia. Não assim na Inglaterra, onde o governo chama os jesuitas para dirigirem as suas universidades, como se vê da seguinte noticia, que um correspondente de Londres dá para a *Civilté*:

«A nobre Universidade regia está tomando um notavel desenvolvimento, e os edificios universitarios de Dublin estão todos nas mãos dos PP. Jesuitas, os quaes empregam todos os esforços para convertel-os em casas de residencia para os estudantes durante seu curso universitario. E' muito para desejar que seus esforços sejam coroados de exito feliz pois que isto seria um grande passo, em certo modo, para se organizar o systema do internato entre os estudantes catholicos que frequentam a Universidade, systema de que ha muita necessidade tanto na Irlanda como Inglaterra. Um membro da Companhia de Jesus o Padre Gerardo Kopkius, graduado pela Universidade de Oxford, foi nomeado ha pouco, professor da regia Universidade irlandeza.»

Ainda um dia havemos de perguntar aos Carvalhos, às carvalheiras, e aos carvalhaes do paiz a razão porque não querem jesuitas. Será por serem tolos ou maus?

J. DE FREITAS.

EXPEDIENTE

Para concluir a publicação da notavel Encyclica de Sua Santidade, retiramos outros artigos, deixando para o n.º seguinte: Continuação do discurso de S. Ex.^a R.^{mo} o Snr. Bispo da Guarda, Exposição Industrial de Guimarães e Appreciação de varios livros que nos tem sido offerecidos.